

BOLAÇÃO – tecnologia social



BOLAÇÃO é o nome de uma tecnologia social desenvolvida pelo Formação ao longo da execução do Projeto Caravanas BOLAÇÃO de FutRua3.

Essa história começa em 2003 quando o Formação iniciou trabalhos com esporte e vem se aprofundando ano a ano com o desenvolvimento de inúmeras tecnologias sociais, entre as quais esta, que ficou ainda mais conhecida por causa das quadras móveis BOLAÇÃO.

1 - QUADRA MÓVEL, MINI ARENAS OU QUADRA BOLAÇÃO: três nomes e uma única concepção e origem

Em 2012, o Formação implementava Caravanas BOLAÇÃO de FutRua3, projeto apoiado por Fifa Football For Hope, quando decidiu, a partir da insistência da coordenadora da Incubadora de Esporte e Cidadania, Diane Pereira Sousa, investir em uma de suas ideias: construir uma estrutura móvel e fácil de se transportar, para dar mais segurança, beleza e organização nas atividades das Caravanas de Futebol de Rua (FutRua3). Assim nasceu essa estrutura que hoje já pode ser vista em vários países.

A primeira que concebemos, construímos e implementamos foi a de cor verde, pensada para a largura de uma rua e o comprimento normal de um campinho de rua. Ela foi inaugurada no nosso II Encontro Brasileiro de Mediação em Esporte Educativo, que aconteceu em São Luís - MA, no período de 15 a 17 de maio de 2013. A inauguração aconteceu no Centro de Educação Física, da Universidade Federal do Maranhão. Como essa, mais duas foram construídas para o trabalho em São Luís e na Baixada Maranhense. A concepção e construção das primeiras quadras não tiveram recursos de nenhum financiador. Foram

realizadas com recursos próprios do Formação. Abaixo segue foto de Diane na primeira quadra, em atividade na Creche Recanto dos Pássaros.



Em seguida, concebemos a de tamanho maior, podendo ser moldada em vários tamanhos, inaugurada em 28 de maio de 2014, durante o evento Brasil 2014: um jogo, uma visão, um mundo, na praia de Iracema, Fortaleza - CE.



O Formação tem como princípio ético não patentear suas metodologias e tecnologias, pois tem como filosofia existencial trabalhar para melhorar o mundo,

deixando livre para uso tudo que concebe. Dessa forma, quanto mais o que desenvolve é difundido, mais alcançará seus sonhos. Contudo, faz parte das relações éticas a manutenção permanente da autoria das metodologias que desenvolve, por parte de quem as dissemina, inclusive nos materiais de divulgação constar a logo dessa autoria.

Como pensa sempre em escala, o Formação participa de muitas redes. Uma delas é Streetfootballwolrd, que tem escritório com personalidade jurídica própria no Brasil. Streetfootballwolrd é uma rede de articulação de organizações que desenvolve e ou aprofunda metodologias de futebol. Não é uma Rede que as desenvolve, mas dissemina as metodologias e tecnologias desenvolvidas por seus membros. Foi com esse objetivo, que em 2013, após o encontro de inauguração da primeira quadra na UFMA, o escritório brasileiro presente no evento, começou a dialogar com o Formação para fazer um projeto das quadras, de modo a todos os membros brasileiros poderem contar com tal estrutura.

O diálogo avançou durante o evento da Rede Latinoamericana de Futebol 3, realizado em Salvador de 5 a 9 de dezembro de 2013. Nos intervalos desse Festival o Formação reuniu-se com Streetfootballworld – Brasil e representantes da Sony (Japão) sobre nossa ideia. Explicamos na oportunidade como tinha surgido a quadra, como a usávamos nas caravanas e suas facilidades de transporte e montagem. Também explicamos que passamos a adotar a quadra como parte da metodologia BOLAÇÃO, que desenvolvíamos desde 2012.

A parceria da Sony com Streetfootballwolrd para disseminação das quadras BOLAÇÃO (mini arenas de Futebol3) evoluiu e durante a Copa do Mundo de 2014 já estavam construídas as três primeiras quadras para a exposição realizada no Museu da República (RJ). Ainda em 2014, o Formação realizou a capacitação das organizações brasileiras que receberam as quadras construídas em São Luís. Atualmente, as quadras não estão apenas no Brasil, mas em muitos países. A Sony que financia sua multiplicação, adota o nome de mini arenas. Abaixo segue a quadra instalada na praia em Fortaleza nesse momento de capacitação dos representantes de diversas ONGs brasileiras que receberam as quadras.



O Formação continua construindo novas quadras para escolas e aprimorando a metodologia. A ideia é até as olimpíadas possamos construir 50 quadras para escolas públicas, com diferentes parceiros e apoiadores. E o mais incrível é ver que em de um estado onde o investimento no esporte não é tão grande, uma tecnologia social para o esporte se espalha pelo mundo.

As quadras (ou mini arenas) podem ser instaladas em grama, areia, cimento, lajota.... dentro de um estádio, de um museu, na rua, em um pátio de escola, numa sala de aula....As crianças de creche e primeira etapa do Ensino Fundamental amam as quadras... afinal, a bola existe para ser tocada e criança existe para brincar e ser feliz. Por isso levamos a quadra e a bola até elas.

2 - O Kit BOLAÇÃO de Tecnologia Social constitui-se:

2.1. Fundamentação Teórica

2.2. Modelo de Voluntariado em Mobilização e Mediação em Esportes 3

2.3. Programa de Formação de Jovens Líderes – Mediadores

2.4. Quadra BOLAÇÃO

2.5. Planilhas Ilustradas

2.6. Caravanas BOLAÇÃO de Esportes3

2.7. Modelo de Gestão

2. 1 – Fundamentação Teórica

Crianças e Aprendizagens¹

CRIANÇAS

No ventre
Impulsividade do SER em SER
INTERATIVIDADE?

Ao nascer
Possibilidade de SER com SERES
INTERATIVIDADE?

Ao crescer
Potencialidade para SER entre SERES
INTERATIVIDADE?

O Formação trabalha com a ideia de que todas as pessoas são capazes de aprender e, quanto mais cedo proporcionamos alimentos para esses aprendizados, mas nos nutrimos e nos desenvolvemos.

Também partimos da premissa de que sendo a Educação Infantil a única etapa da educação que não recuperamos em idades mais avançadas, devemos durante a infância proporcionar às crianças os mais variados conhecimentos, não lhes negando a possibilidade de que flua seu desenvolvimento intelectual, afetivo e motor.

Pesquisas indicam que até os 6 anos de idade as crianças estão potencialmente ou verdadeiramente construindo bases para tudo que poderão vir a ser quando adultas. Estão moldando nessa idade o seu cérebro, órgão de adaptação do ser vivo ao seu ecossistema e ao seu momento histórico, que molda-se pela experiência vivida a cada instante desde o ventre da mãe, até quando nasce e vai crescendo. Dessa forma, práticas saudáveis de diálogos afetivos, introdução à realidade pelo universo lúdico dos contos de fada, entre outras são tão importantes como formas de ligar e conectar a criança com o seu mundo real circundante.

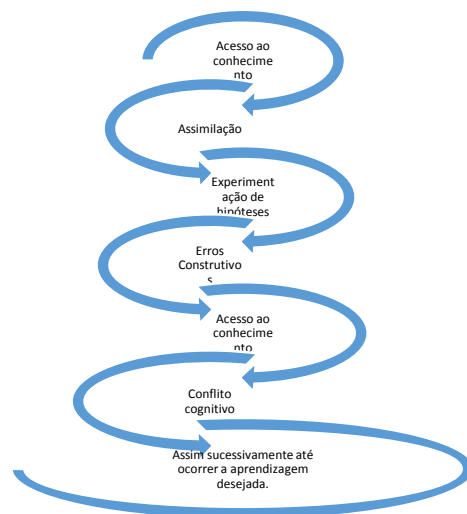
Também é nesse período da vida, do nascimento até os seis anos de idade, que o cérebro alcança 90% de seu crescimento e desenvolve 90% de suas potencialidades. Até essa idade, a criança aprende tudo o que se lhe queira ensinar - e também o que não se pretende que ela aprenda e o que não se imagina que ela está aprendendo.

Como aprendemos?

¹ Este texto contém fragmentos de diversas reflexões feitas por Regina Cabral nos últimos quinze anos e, também, é parte da fundamentação teórica do Projeto BOLAÇÃO. Parte do texto está na sistematização desse projeto que o Formação fez para publicação de SFW – Sony.

Como vimos, do nascer aos seis anos de idade aprendemos muitas coisas. Segundo algumas teses, isso ocorre por:

- assimilação do que vemos, ouvimos, assistimos, praticamos;
- pela experimentação de hipóteses cognitivas do assimilado;
- pela superação dos erros construtivos no processo inicial de experimentação;
- pelos conflitos cognitivos que ocorrem quando comparamos o que sabemos com o conhecimento mais elaborado do outro;
- pela continuidade da assimilação, que gera mais experimentação, provocando novos erros. Esses, por sua vez, produzem novos conflitos ocorridos quando comparamos o que sabemos com o que o outro sabe, num processo contínuo que pode nos levar à aprendizagem almejada, se houver conteúdos e ações que ajudem no nosso desenvolvimento.



Nem sempre se entendeu dessa forma!

Existem pelo menos três concepções estudadas pela psicologia a partir do momento em que pesquisadores foram em busca de respostas para suas inquietações a respeito do desenvolvimento que acontece durante a vida de um indivíduo (ser humano). Três dessas concepções surgem das respostas às indagações e pesquisas realizadas: o inatismo, o ambientalismo e o interacionismo.

A primeira teoria (inatismo) defende que o indivíduo carrega desde seu nascimento traços que irão determinar o que ele será profissionalmente e que habilidades terá futuramente, com adoção de expressões do tipo “ele nasceu para ser um jogador”.

O ambientalismo defende a ideia de que o indivíduo constrói habilidades apenas pelo ambiente em que ele é inserido na vida social, sendo o homem um ser passivo, que pode ser manipulado e controlado pela simples alteração do ambiente ou da situação em que se encontra. Não há nessa concepção a preocupação em explicar os processos pelos quais a criança raciocina e se apropria do conhecimento.

Assim, até o século 19 e início do século 20, a história da psicologia, em particular da psicologia do desenvolvimento cognitivo, transcorreu em boa medida submetida ao referencial epistêmico da filosofia da ciência, herdada do pensamento moderno. Por exemplo, propuseram explicações do desenvolvimento cognitivo das crianças “por dentro”, recorrendo à arquitetura natural do conhecimento, e “por fora”, como marca dos estímulos e dos fatores sociais. Ou se estabeleceu uma separação rígida entre uma psicologia que explica o desenvolvimento de habilidades naturais e uma psicologia compreensiva, apropriada para a inserção cultural da ação humana, retornando à dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais.

Nas concepções interacionistas o desenvolvimento humano é fruto da interação de fatores biológicos e ambientais (quando citamos ambiente nos referimos aos espaços sociais, históricos e culturais). Nessa concepção, podemos então afirmar que somos sujeitos ativos e temos a capacidade de construir nossas características de acordo com a relação que estabelecemos com o meio físico, social e cultural. Portanto, o desenvolvimento acontece por meio das relações socioculturais. É nessa concepção que o desenvolvimento produz aprendizagem e aprendizagem produz desenvolvimento.

Dessa forma, compreende-se que durante muito tempo o sujeito que aprende foi visto como alguém que já nascia predestinado a ser um “homem de saber” ou um “ignorante”. Na área do esporte, quem o praticava era apenas visto como uma máquina muscular sem grande capacidade de pensar, de refletir e de atuar criticamente na sociedade.

A importância de Piaget

A psicologia servia quase sempre para medir a capacidade das pessoas e avaliar se estavam prontas para seguir em frente no seu processo de desenvolvimento intelectual. A partir do final do século 19 e ao longo do século 20, pensadores, como Piaget, Freud, Erikson², colocaram em dúvida essa forma de avaliar o

² Piaget subdivide o desenvolvimento intelectual em quatro estágios: sensório-motor (dos 0 aos 18/24 meses); pré-operatório (dos 2 aos 7 anos); operações concretas (dos 7 aos 11/12 anos); operações formais (dos 11/12 anos aos 15/16 anos).

Freud define cinco estágios do desenvolvimento psicosssexual: oral (0 - 12/18 meses); anal (12/18 meses - 2/3 anos); fálico (2/3 anos - 5/6 anos); latência (5/6 anos - puberdade); genital (depois da puberdade).

Erikson propõe oito estágios de desenvolvimento considerando aspectos biológicos, individuais e sociais. Cada estágio atravessado por uma crise psicossocial: 1ª idade - Confiança *versus* Desconfiança (0 - 18 meses); 2ª idade - Autonomia *versus* Dúvida e Vergonha (18 meses - 3 anos); 3ª idade - Iniciativa *versus* Culpa (3 - 6 anos); 4ª idade - Indústria/Mestria *versus* Inferioridade (6 - 12 anos); 5ª idade - Identidade *versus* Difusão/Confusão (12 - 18/20 anos); 6ª idade - Intimidade *versus* Isolamento (18/20 - 30 e tal anos); 7ª idade - Generatividade *versus* Estagnação (30 e tal - 60 e tal anos); 8ª idade - Integridade *versus* Desespero (depois dos 65 anos).

processo de aprendizagem do ser humano e passaram a defender que as pessoas aprendem na interação com o meio ambiente e não já nascem com uma habilidade nata.

Na concepção anterior a Piaget, o processo de aprendizagem era compreendido como sendo um processo de acumulação de conteúdo. Para Piaget, a aprendizagem é um processo que acontece por meio de aproximações sucessivas e não de forma acumulativa e homogênea, como se supunha até esse período.

Em sua obra, Piaget afirma que o desenvolvimento cognitivo das pessoas desde a infância é sequencial e caminha de estruturas mais simples para estruturas mais complexas, sendo que o desenvolvimento da inteligência passa por estágios que são os mesmos para todos os indivíduos e se sucedem na mesma ordem (Banks - Leite, 1997).

Contribuições de Vigotsky

Outro pensador que muito contribuiu para se entender os processos de aprendizagem foi o russo Vygotsky. Para ele, a aprendizagem da língua escrita se dá não somente por meio da aquisição da linguagem falada, mas também por vários outros conhecimentos. Ele critica visões da Pedagogia e da Psicologia que consideram, por exemplo, a atividade da escrita apenas como uma habilidade motora.

Exemplificando na área do esporte, poderíamos dizer que a atividade motora, apesar de ser importante no esporte de alto rendimento não é a única habilidade na prática esportiva que precisa ser desenvolvida e/ou que, ao ser desenvolvida, possibilita uma prática emancipadora e conquistas e aprendizagens importantes, mesmo no campo pessoal. E dependendo da forma como se introduz essa prática desde as primeiras idades, o seu desenvolvimento e uso poderá ter um formato ou outro.

Por exemplo, regra geral, no futebol ensina-se a chutar bem a bola, mas não se ensina a ser feliz, livre e solidário; ensina-se a competir e não a ser solidário, mesmo sendo um jogo de equipe.

Quando pensamos o conceito BOLAÇÃO foi para trabalharmos essa outra perspectiva, desde o momento em que a criança constrói suas bases de saberes para toda a sua vida, que segue...Assim, BOLAÇÃO surge para ampliar a dimensão desenvolvida pela prática do futebol e de outros esportes. Ou seja: a bola que vai de pé em pé também produz solidariedade, alegria, favorece a construção de laços e aumenta o índice coletivo de felicidade.

Freire, o problematizador

Outro pensador que tem contribuído muito com a compreensão de como acontece o processo de aprendizagem é o brasileiro Paulo Freire. O seu pensamento também reforça a compreensão de que a aprendizagem ocorre na convivência social, uns com os outros, nos diversos meios onde interagem por

meio de diálogos, com relações horizontais e problematização de conteúdo. Ele diz em sua obra mais famosa, *Pedagogia do Oprimido*, que as pessoas têm conhecimentos que não podem ser esquecidos no processo educativo e que o conhecimento se forma na relação que se tem no e com o mundo circundante.

Para Freire, conhece-se o desconhecido a partir do já conhecido, sendo que o já conhecido da criança, do adolescente, do jovem ou do adulto está centrado em sua própria realidade. É claro que a realidade do adulto tem mais relação com a vida real, enquanto que a realidade das crianças tem muita relação com o mundo da imaginação, o lúdico, as brincadeiras. Por isso, é tão importante haver riqueza de ações nesse sentido.

Similaridades entre formas de aprendizagens

Na atualidade, alguns teóricos continuam investigando os processos de aprendizagem dos conhecimentos e das atitudes das pessoas na situação de aprendiz ou de produtor de conhecimentos. No que se refere à alfabetização, nos anos 1990, além de Freire e de tantos outros, estudos de duas argentinas (Emília Ferreiro e Ana Teberosky), têm sido adotados no Brasil.

A analogia da aprendizagem do esporte com a alfabetização (aprendizagem da base alfabética) nos ajuda a compreender que quase tudo que aprendemos ocorre da mesma forma: assimilando, experimentando, errando, com conflitos de conhecimento, novas experimentações, até se consolidar determinadas aprendizagens.

As pesquisas realizadas por Ferreiro e Teberosky com alunos do ensino fundamental em escolas públicas e privadas na Argentina confirmaram que o processo de aprendizagem da língua escrita é semelhante ao processo de aprendizagem da fala. Aprendemos por assimilação à medida que há a convivência com as pessoas no mundo e que se tem acesso às linguagens falada e escrita. Isso ocorre também com outros aprendizados: o da música, o da pintura, o do futebol. Com a bola no pé e muitos conteúdos que possibilitam o desenvolvimento social e humano, muitos outros conhecimentos são assimilados e podem ser reaplicados.

Ao se comparar a aprendizagem da língua escrita e de outros aprendizados à aprendizagem da fala, muitas coisas tornam-se mais claras. A criança não aprende a falar, por exemplo, a palavra “água”, porque alguém lhe ensinou primeiramente a - g - u - a, mas porque ouviu as pessoas falarem normalmente água. Ela apontava para a água, a mãe perguntava: “você quer água? água?, etc... Também ao assimilar a fala da palavra água, ela não diz de uma só vez água, mas, inicialmente balbucia aaa, aga... até chegar a compreender que o som ouvido é água. E essa compreensão ocorre porque ao seu redor falam água e não repetem como a criança aaa, aga...etc..

Do mesmo modo, desde criança aprendemos a jogar jogando. A introdução nas creches das Quadras BOLAÇÃO de FutRua3 e Esportes 3 surgiu baseada no pensamento de que por trás de toda criança, jovem e adulto não existe exatamente um atleta, mas um sujeito capaz de aprender, um sujeito

cognoscente – aquele que tem a capacidade de conhecer - e que não é, portanto, meramente um par de pernas, ou de braços, mas um ser omnilateral, cheio de capacidades, com um potencial ilimitado, que ao ter acesso ao conhecimento aprende, se desenvolve e pode contribuir para o desenvolvimento de muitos outros.

É por isso que acreditamos na importância de se continuar a desenvolver e disseminar metodologias de esportes educativos voltadas para o desenvolvimento humano, social e da nossa própria sociedade. Que nas Quadras BOLAÇÃO de FutRua3 ou Esportes 3, diferente do que ocorre nas famosas Arenas de Roma e de muitas outras que se sucederam, crianças, adolescentes e jovens aprendam solidariamente a lutar por um mundo melhor.

Piaget nos ajudou a avançar na área da Psicologia e de conhecimentos relacionados às formas como ocorre a aprendizagem. Ainda hoje, as suas descobertas continuam sendo importantes. Mas não paramos por aí. Muito mais foi refletido e descoberto nessas áreas.

Novas pesquisas e experiências que se sucederam apontaram outros elementos fundamentais na compreensão do processo de aprendizagem. Continuamos avançando com outros intelectuais, sobretudo com a compreensão de que o aprendizado ocorre fundamentalmente mediante a interação social. Uma das considerações essenciais foi a de que não é apenas interagindo com objetos e com o meio ambiente que se aprende, mas principalmente na relação com pessoas, por meio da convivência social, em processos de mediação.

A mediação em Vigotsky

Vygotsky, contemporâneo de Piaget, desenvolveu a teoria sócio histórica conhecida também como teoria históricocultural ou sócio interacionista. Piaget e Vygotsky vão focar o processo de desenvolvimento como uma interação constitutiva entre o indivíduo e a sociedade, entre a interiorização e a atividade do indivíduo, ou entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

O russo deteve-se ao estudo dos mecanismos psicológicos mais sofisticados, o que ele chamava de funções psicológicas superiores, típicas da espécie humana. Dizia (1994) que são essas funções que possibilitam o controle consciente do comportamento humano, a atenção e a lembrança voluntária, a memorização ativa, o pensamento abstrato, o raciocínio dedutivo e a capacidade que se tem de planejar as ações.

Durante suas pesquisas, ele procurou identificar as mudanças qualitativas do comportamento que ocorre ao longo do desenvolvimento humano e qual sua relação com o contexto social.

Segundo Vygotsky (1984), as funções psicológicas superiores não são processos inatos, mas se originam nas relações entre indivíduos humanos e se desenvolvem ao longo do processo de internalização de formas culturais de comportamento.

São diferentes dos processos psicológicos elementares, que estão presentes nos animais e nas crianças pequenas, como por exemplo: reações automáticas, ações reflexas e associações simples, que são de origem biológica.

As principais ideias que ele defendeu nessa sua teoria, contidas em obras como “A Formação Social da Mente” (1984) e “Pensamento e Linguagem” (1995), são:

1. As características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo; elas resultam da interação dialética do homem com seu meio sociocultural.
2. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.
3. As funções psicológicas especificamente humanas se originam nas relações do indivíduo e seu contexto cultural e social, ou seja, o desenvolvimento mental humano não é dado a priori, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana.
4. O cérebro, produto de uma longa evolução, é o substrato material da atividade psíquica que cada membro da espécie traz consigo ao nascer. Contudo, esta base material não significa um sistema imutável e fixo.
5. São os instrumentos técnicos e os sistemas de signos, construídos historicamente, que fazem a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. A linguagem é um signo mediador por excelência, pois carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana.

Todo esse arcabouço nos dá respaldo para trabalhar o conteúdo do esporte desde cedo como ferramenta de desenvolvimento social, abordagem coletiva e solidária e não como forma meramente de promoção pessoal, vitória individual, mesmo quando se trata de uma equipe de 11 jogadores em campo. Meninos e meninas ou pessoas com e sem deficiências físicas jogando juntos são formas de trazer para dentro do esporte práticas de superação de desigualdades, de combate a preconceitos e a injustiças e de fortalecimento da inclusão de todos.

Vygotsky (que não é um teórico do esporte, apenas nos respaldamos no seu pensamento mais geral), ao abordar a consciência humana como produto da história social, aponta na direção da necessidade do estudo das mudanças que ocorrem no desenvolvimento mental a partir das vivências de cada pessoa. Para ele, “desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas por meio do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e dela até o objeto passa por meio de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social”. (Vygotsky, 1984:33)

Segundo essa forma de pensar, constatamos que, apesar de o aprendizado das pessoas ser iniciado muito antes delas frequentarem a escola, o aprendizado escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento. Vygotsky identifica dois níveis de desenvolvimento.

1. Um, que se refere às conquistas já efetivadas, àquilo que se sabe o que se é, denominada de Zona de Desenvolvimento Real (ZDR).

2. Outro, que se refere àquilo que se pode alcançar, o que se pode aprender e vir a ser, denominada de Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP).

Entre esses dois níveis encontra-se a Zona de Desenvolvimento Proximal, onde acontecem as mediações, que podem levar a criança ou o adulto de uma zona à outra, conforme as mediações, as relações que forem estabelecidas, os conhecimentos que são disponibilizados. O mediador em esportes educativos, ou de Futebol3, atua nessa Zona. Os professores, de uma forma geral, também atuam nessa zona.

Essa explicação nos ajuda a entender a importância do mediador que atua na zona de desenvolvimento proximal, como faz o mediador nas práticas de Esportes em 3 tempos. Um professor de educação física, ou um mediador, por exemplo, pode propor atividades educativas desde muito cedo. Quanto mais o público dessa atividade, seja ele formado por crianças numa creche ou por adolescentes e jovens em uma escola ou comunidade, tem acesso às diferentes possibilidades, mediadas por alguém que detém conhecimentos importantes para provocar o avanço em seu desenvolvimento, mais esse desenvolvimento ocorre. Por quê ocorre? Porque nessa convivência permanente com outras crianças, adolescentes ou jovens eles vão assimilando, experimentando, refletindo até a aprendizagem que desejam construir ocorrer.

Freire também contribuiu de forma significativa para se entender o papel do mediador. Um ponto importante em que Freire e Vygotsky concordam é o de que o diálogo é um instrumento essencial no desenvolvimento intelectual das pessoas. Por isso, também o diálogo do mediador com os participantes de atividades de Esportes 3 nas Caravanas BOLAÇÃO e em outras atividades de esportes em que a mediação está presente tem um papel tão fundamental.

Como o educador e o mediador vão evoluindo em sua aprendizagem para mediar cada vez mais na zona de desenvolvimento proximal modificando o real e avançando no potencial de cada criança, adolescente e jovem?

Estudando, experimentando, refletindo. Participando de eventos, de oficinas, de redes...

E as crianças, adolescentes e jovens: como aprendem futebol com a mediação que é realizada?

Da mesma forma que a criança vai assimilando a fala e outros conteúdos. Ao ouvir as pessoas falarem ao seu redor, assimila a prática do esporte educativo ou do esporte como ferramenta de desenvolvimento porque tem acesso à orientação desde a creche ou na comunidade, e assim tem a oportunidade de refletir e de vivenciar processos formativos. Quando maior participa de eventos locais, nacionais e internacionais, de intercâmbios, etc.

Todo esse percurso sobre como se dá o processo de aprendizagem contribui para a afirmação de que as pessoas não são seres ociosos, mas desde cedo constroem conhecimentos, a partir da formulação de hipóteses. A fim de que seja realmente uma ponte entre o real e o potencial de cada um, aproximando

saberes, como propõe Vygotsky, cada educador /mediador deve primeiramente procurar conhecer os públicos com quem trabalha para dessa forma conhecer o que eles sabem e o que precisa ser ampliado no seu conhecimento.

No esporte de alto rendimento ensinamos desde cedo, na escolinha, a técnica, o chute, o lance, a cobertura, a defesa, a tática, mas pouco se associa o aprendizado do esporte com o relacionamento entre os colegas, o trabalho em equipe com a perspectiva do desenvolvimento pessoal, a prática formativa de valores éticos, estéticos, políticos e morais, o combate a preconceitos, a construção de diálogo, a superação de conflitos, a elevação de autoestima e a construção de muitas outras possibilidades. Não é falando que se combatem preconceitos, mas assimilando práticas concretas de não preconceito, vivenciadas em nosso cotidiano.

Por fim, vale ressaltar que a aprendizagem do esporte associada ao desenvolvimento humano e socioeconômico e como ferramenta de transformação social, em práticas seguras e com inclusão de todos é construída em qualquer faixa etária, na medida em que o educador ou o jovem líder/mediadores atuantes na zona de desenvolvimento proximal, possibilitarem a troca de novos conteúdos que, ao serem assimilados, ampliam cada vez mais a realidade de cada sujeito, público dessa ação. O que cada um assimila depende do tipo de conteúdo apresentado: educativo? Que fortalece a competição? Que garante a inclusão? Restritivo?

Nas atividades de FutRua3, por exemplo, durante a mediação (1º e 3º tempos) e durante o jogo (2º tempo) mediadores e jogadores constroem juntos conhecimentos sempre com possibilidades de novas sínteses serem expressas, refletindo a diversidade de pontos de vista sobre o mundo em que cada um está mais centrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWCZ, Anete. O direito das crianças à educação infantil. Pro-Posições. Campinas: v.14, n.3 (42), p 13-24, 2003.

ARELARO, Lisete. & CABRAL, M. R. M. Paulo Freire: A Atualidade de um Pensamento Dialógico. In Revista Educação, Série: História da Pedagogia, n. 4, São Paulo, Segmento, 2011, p. 44-53.

CABRAL, Maria Regina Martins & ROSAR, Maria de Fatima Felix. Projeto Jovem Cidadão. Editora Central dos Livros, São Luís, 2005.

CABRAL, Maria Regina Martins. Educação Popular de Trabalhadores Jovens e Adultos: processos de alfabetização. São Luís, UFMA/Editora Central dos Livros, 2008 (texto sendo diagramado).

_____. Caderno do Professor: Como a Criança Aprende? no 1, São Luís, SEMED, 1997.

_____. (org.) Caderno do Professor: textos para reflexão – Construindo o novo currículo da SEMED, no 2, São Luís, SEMED, 1998.

_____. Educação Popular no Brasil – da década de 50 aos dias atuais. Cadernos de Extensão. Ano IV, n. 05, Curitiba, Universidade Federal do Paraná – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura Março de 1998..

_____. Prática de Alfabetização de Jovens e Adultos do Itaquí Bacanga – Formando sujeitos. Caderno Educação e Sociedade, UNIJUI – IJUI, 1995

_____. A construção do saber pelo professor: um processo permanente. Caderno do Professor. , v.1, 1997.

Instituto Formação. Termo de Referência em Esportes e Cidadania. 2013.

FREIRE, João Batista. Ensinar esporte, ensinando a viver. Editora Mediação. Porto Alegre.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra. São Paulo. 1987.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: De La Taille. Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PEREIRA, E. T. Brincar e criança. In: CARVALHO, Alysso et.al (org.). Brincar(es). Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2005.

PIAGET, J. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro, Olympio – UNESCO, 1973.

YVYOTSKY, L. S. Obras Escogidas. Madrid: Visor, 1991, v.1, v.3, v. 4.

_____. et. al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo, SP: Ícone: EDUPS, 1988.

2. 2 Modelo de Voluntariado em Mobilização e Mediação em Esportes 3

O Formação nos projetos que desenvolve com jovens mobiliza-os para a ação de cidadania, mediante reaplicação com outros jovens, de conteúdos apreendidos nos programas de formação e com o objetivo de que eles assumam a coordenação de processos locais de mobilização e articulação de jovens, quer em Fóruns da Juventude, quer em comissões coordenadoras de estruturas locais como os Núcleos Comunitários de Esporte e Lazer (NUCEL).

Desde 2003 o Formação já mobilizou mais de dez mil jovens em ações diversas e mais de dois mil se envolveram em Fóruns da Juventude.

Nos Nucel da Região do Itaquí - Bacanga foram mobilizados 50 jovens líderes para a reaplicação direta dos conteúdos do Esporte 3 nas atividades semanais.

2.3. Programa de Formação de Jovens Líderes – Mediadores

O Formação desenvolve seus projetos com algumas estratégias básicas: Mobilização de Sujeitos – Programas de Formação – Estruturação de Espaços – Reaplicação de conhecimentos – Articulação de Redes.

Os módulos básicos do Programa de Formação do Kit BOLAÇÃO são:

I - Módulo conjunto e com orientação direta do Formação - oito encontros de todos os adolescentes e jovens, educadores/professores

e de algumas lideranças de cada local – mobilizados e envolvidos (8 horas por encontro).

II – Módulo local (cada comunidade ou escola) com orientação prática nas atividades semanais (28 sábados – 2 a 4 horas por sábado).

Proposta geral de conteúdos

Módulo 1 - ESPORTE EDUCATIVO

Conteúdo: Conceitos do Esporte Educativo e Educacional; Mediação em Esportes Educativos; Metodologia dos 3 tempos; Modalidades do Esporte³

Módulo 2 – A PRÁTICA DO ESPORTE EDUCATIVO COM A METODOLOGIA DOS ESPORTES³ E DA QUADRA BOLAÇÃO

Conteúdo: FutRua³; Hand³; Vôlei³; Basquete³; Badmington; slackline; Rugby, Atletismo, uso de planilhas.

Módulo 3 – A PRÁTICA DO ESPORTE EDUCATIVO COM A METODOLOGIA DOS ESPORTES³ E OUTRAS METODOLOGIAS – TIRANDO DÚVIDAS E INTRODUZINDO NOVOS CONTEÚDOS

Módulo 4 - PLANEJAMENTO DE EVENTOS E ATIVIDADES SEMANAIS – CARAVANAS BOLAÇÃO

Os módulos são desdobrados nos programas. Cada programa aprofunda uma ou duas modalidades, as planilhas, a mediação, o planejamento das Caravanas e o uso da Quadra.

2.4. Quadra BOLAÇÃO

Durante a execução do projeto BOLAÇÃO, em 2012/2013, o Formação concebeu e produziu uma Quadra, denominada Quadra BOLAÇÃO, para ser levada durante as caravanas. A ideia, naquele momento foi ter uma estrutura fácil de transportar e montar e que, ao mesmo tempo, demarcasse espaço, desse visibilidade para a ação e possibilitasse um espaço seguro para a prática do esporte, quer fosse dentro da escola, na rua em frente à escola ou em outro espaço da comunidade / cidade: campo, rua, praia....

O Formação construiu inicialmente 3 quadras, e em projeto em parceria com Streetfootballworld e Sony construiu outras 20 quadras. Atualmente está construindo mais dez quadras para projetos desenvolvidos no Maranhão e pretende até as Olimpíadas, com apoio de diferentes parceiros, construir e entregar 50 quadras a escolas públicas de Educação Infantil e primeira etapa do Ensino Fundamental. Atualmente 3 de nossas quadras circulam em escolas de El de São Luís

2.5. Planilhas Ilustradas

Desde 2006 o Formação, em seu trabalho com esporte educativo usa planilhas. Iniciou com futebol de rua. As planilhas são preenchidas com as regras do jogo, pelo mediador – no primeiro tempo do jogo; serve como orientação para pontuação – no segundo tempo do jogo; e avaliação, no terceiro tempo. Em 2013, o Formação concebeu, por dentro do Projeto BOLAÇÃO, planilhas ilustradas para o trabalho com crianças. A construção dessas planilhas foi feita pela Incubadora de Esportes e Cidadania e o GT de Educação.

Foram concebidas e desenhadas 3 planilhas, a partir de nosso referencial teórico.

1 – Uma para as crianças mais pequenas, com a temática ASSIMILAÇÃO.



2 – Outra para as crianças um pouco maiores, com a temática CONSTRUÇÃO.



3 – A terceira, para adolescentes e jovens, com a temática AUTONOMIA.



**TEMA: AUTONOMIA
FUTEBOL DE RUA**

MEDIADOR: _____ LOCAL: _____ DATA: _____

EQUIPE 1: _____ EQUIPE 2: _____

Representante 1: _____ Representante 2: _____

TEMPOS DO JOGO

1º TEMPO: _____ 2º TEMPO: _____ 3º TEMPO: _____

TEMPO FAIR PLAY: _____ TEMA DA PARTIDA: _____

PRIMEIRO TEMPO

ACORDOS DO JOGO: _____



SEGUNDO TEMPO

TERCEIRO TEMPO

AVALIAÇÃO QUALITATIVA:

EQUIPE 1	EQUIPE 2
1	1
2	2
3	3
4	4
5	5
6	6
7	7

AVALIAÇÃO OBJETIVA:

EQUIPE 1:	EQUIPE 2:
_____ GOLS	_____ GOLS

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO QUALITATIVA:

<ol style="list-style-type: none"> 1 Participação no 1º e 2º tempos (10 a 15 minutos) 2 Participação de meninos e meninas (Menos de 50% de um dos gêneros (200% de meninos)) 3 Espelho (autoavaliação) Regular (2,5 em 4) 4 Cumprimento dos acordos (pela outra equipe) 	<ol style="list-style-type: none"> 5 Regular (2,5 em 4) 6 Gols 7 Empate (1 Menos (2) Mais (4)) 8 Fair Play (0) 9 Outros (a combinar no primeiro tempo, por exemplo, a inclusão de pessoas com deficiências)
---	--

RESULTADO FINAL

EQUIPE 1:	(pontuação)
EQUIPE 2:	(pontuação)

2.6. Caravanas BOLAÇÃO de Esportes 3

As caravanas BOLAÇÃO surgem para mobilizar novos públicos das escolas para a prática do FutRua3, com objetivos diversos. Elas consistem na mobilização de comunidades para a prática esportiva do FutRua3. Representam um exemplo de como as Quadras BOLAÇÃO podem ser utilizados para mobilizar participantes e promover atividades de FutRua3 e de outros esportes, como handebol.

Nas creches, o objetivo é introduzir o esporte e tudo o mais que ele pode gerar, desde quando somos crianças pequenas. Por exemplo, ao montarmos uma quadra, dentro do pátio da escola a criança percebe que há espaços seguros (ou deveriam haver) para a prática esportiva.

Nas escolas de ensino fundamental e em comunidades o objetivo foi demonstrar que essas práticas educativas podem alcançar muitos resultados, como a emancipação de meninas que sempre desejaram jogar e não tiveram anteriormente oportunidades; meninos e meninas juntos na mesma brincadeira; pessoas com e sem deficiência incluídos no mesmo jogo; diferentes convivendo sem desigualdades o que combate preconceitos e *bullying*.

Durante as caravanas, a ideia é trabalhar as dificuldades que normalmente crianças, adolescentes e jovens enfrentam utilizando a mediação por meio da comparação, da análise, da reflexão e do diálogo entre todos. Esse tipo de procedimento pedagógico possibilita à pessoa desenvolver-se como sujeito pensante e não meramente como indivíduo que aprende apenas o que os outros “ensinam”, memorizando, copiando, repetindo.

O mediador de FutRua3 não apenas media, mas também mobiliza para essa prática educativa. Ações desenvolvidas são também mobilizadoras de público para outras formas de se fazer alguma coisa, como têm sido as Caravanas BOLAÇÃO de FutRua3. E é exatamente na mobilização que está o ponto forte dessas caravanas.

A ideia por trás das caravanas também tem sido a de constituir Núcleos Comunitários de Esportes e Lazer (Nucel). Desde 2006, o Formação investe nesses núcleos.

A escola ou a comunidade é anteriormente contatada e a caravana é planejada com as respectivas diretorias e lideranças, que se preparam para receber a estrutura da Quadra BOLAÇÃO e de toda a atividade por trás da mesma.

A quadra é transportada numa *pick-up* média na qual também são transportadas bolas, bombas de ar, coletes, planilhas. O material segue com os profissionais. São sempre levadas travinhas reservas, para o caso do público ser bem maior do que o planejado.

Quando chegamos ao local da caravana, desde o início a quadra mobiliza. Primeiro, pela novidade; segundo, pela montagem; terceiro pelo jogo. É sempre uma grande atração, motivo de intensa curiosidade.

Quadro 1 - Exemplo de Programação da Caravana.

CARAVANA BOLAÇÃO DE FUTRUA3 – NUCEL ALEGRIA

7h Saída

7h40 Montagem da quadra (em rua, quadra, praça, escola...)

8h • Início das atividades

- 3 tempos de 10 minutos cada.
- 12 equipes de 8 crianças cada
- 6 jogos em média
- Uso de 3 planilhas

(Assimilação – Construção – Autonomia)

- As planilhas são apresentadas para os menores em cartaz ou banner.

11h30 Lanche e encerramento

As caravanas apresentam outras modalidades de esporte educativo ao lado dos jogos de FutRua3, tais como: xadrez humano, dama humana, badminton e slackline.

As caravanas nas creches envolvem diretamente os educadores pois serão eles os mediadores das crianças menores. Por isso, a integração da Incubadora de Esportes e Cidadania com o GT de Educação foi tão importante. Os educadores das creches participam de oficinas de FutRua3 para se apropriarem da metodologia e poderem adotar o conteúdo na rotina permanente da creche.

2.6. Modelo de Gestão

Cada atividade realizada na escola tem como coordenação professores da escola e a equipe da Incubadora de Esporte e Cidadania.

Quando a atividade é na Comunidade, em um Núcleo Comunitário de Esporte e Lazer (NUCEL), a gestão é assumida pela comissão local de jovens ou Fórum da Juventude, quando o mesmo é constituído.

Todas as tecnologias sociais do Formação são de livre acesso.

Qualquer dúvida visite nosso site www.formacao.org.br ou nos envie um correio: formacao@formacao.org.br que retornaremos o contato.